BOM DIA FURG 23.12.1992

Bom dia, Rio Grande, 23 de dezembro de 1992. No Bom Dia FURG desta quarta-feira, você vai ouvir a reedição da entrevista concedida ao Bom Dia FURG em 30 de setembro pelo professor Marcos Alberto Marchiori, falecido no último domingo. Sede da APTA FURG foi arrombada nesta segunda-feira.

Estamos iniciando o Bom Dia FURG, edição 446. O Natal de 1992 foi marcado, já na Universidade do Rio Grande, por uma nota extremamente triste. O falecimento do professor Marcos Alberto Marchiori, no último domingo, no seu local de trabalho, a Estação Marinha de Aquacultura, no Cassino, da qual era o responsável.

O professor Marchiori era pessoa muito querida e respeitada, não só no meio acadêmico, como em toda a comunidade. É por isso que hoje estaremos reprisando neste programa a entrevista que ele concedeu ao Bom Dia FURG no dia 30 de setembro. O professor Marchiori falou-nos sobre o seu trabalho, a pesquisa com o repovoamento da Lagoa dos Patos com camarão, sobre a estação e sobre pesquisas em geral.

Vamos então à reprise da última entrevista à Rádio Universidade FM Educativa pelo professor Marcos Alberto Marchiori. Eu gostaria de saber a respeito do cultivo do camarão este ano. Como está o trabalho de vocês com relação à safra do camarão neste ano de 92, 93? Bom, agora no início da primavera, o nosso navio Atlântico Sul saiu até Santa Catarina para a captura de matrizes, que são os camarões adultos, prontos para reprodução.

Porque aqui na nossa lagoa nós só temos uma zona de crescimento, que é chamada tipo um berçário, onde o camarão cresce e depois ele procura o mar para reproduzir. E aqui no nosso mar, na volta, não temos esse camarão adulto. Então a média de peso desses camarões são na faixa de 40, 50 até 60 gramas cada indivíduo.

Então nós capturamos as matrizes e já está povoado os tanques, foi feito já todo um trabalho de adaptação desses camarões às condições. E agora em laboratório nós vamos imitar as condições de primavera em termos de temperatura, luz, mais as condições ambientais, tipo alimentação, uma série de fatores, e proceder também a ablação do pedunculo ocular para permitir o desenvolvimento do ovário e consequentemente começa todo o processo de reprodução. Quanto tempo leva todo esse processo, professor? O processo seria em fase.

Nós vamos ter a parte de maturação, a parte de desova, e lago de ocultura e depois a liberação. Então a parte de maturação ocorre durante todo o período de verão. Nós desenvolvemos uma técnica de trabalhar sempre com o mesmo estoque de matrizes.

Então cada camarão ele vai dar uma média de 100, 80, 120 milovos, varia um pouco, numa temperatura de 28 graus a cada 2, 3 dias. A 20 graus vai ser a cada 7 dias. Então uma fêmea ela vai estar me dando, vamos supor aí, 80 milovos a cada 3 dias.

Isso sempre consecutivamente a uma faixa aí de 150, 150 dias que é quando a gente trabalha. Depois nós eliminamos o estoque que já vem a inverno. Aí depois passa por um período de lago de ocultura que são em torno de 25 dias que o camarão vai atingir um tamanho em torno aí de 0,7, 0,8 centímetros.

Aí depois nós fazemos o cultivo intermediário para ele crescer um pouco mais, até 1, 2 centímetros e adaptar ele às condições naturais. E a partir daí então vai ser liberado para crescimento na zona do lado do estuário. Bom, ao final quando é que vocês poderão liberar o camarão no estuário? Nós pretendemos as primeiras liberações em novembro.

Em novembro já? Já. Quantas matrizes foram obtidas agora? No total foram 450. E dá para ter uma ideia de quantos sairão daí, quantos camarões poderão ser lançados? Olha, o ano passado nós trabalhamos com 300 matrizes e nós obtivemos no total 99 milhões de ovos.

Neste total a gente conseguiu liberar em torno de 5 milhões de pássaros no estuário. Que foi o primeiro ano que nós trabalhamos com todas as condições de laboratório estabilizadas. E este ano eu acredito que a gente consegue chegar no mínimo a 10 milhões de pássaros.

No ano passado foi o primeiro ano que você conseguiu lançar camarões no estuário já? Não, nós tínhamos lançado no ano anterior também. Mas acontece que o laboratório tinha dificuldades, ainda não estava todo ele implantado. E o ano passado foi o ano que funcionou com sistema de gerador de energia, captação de água.

Todo o laboratório estava prontinho para trabalhar. Então foi o ano que a gente conseguiu trabalhar. Então a gente afinou a metodologia.

E este ano nós já estamos com todo o laboratório pronto, tudo preparado. Então temos condições já, a partir da experiência de um ano, já ter uma solução de pequenos problemas. Então trabalhar em condições ideais neste ano.

As condições técnicas e de pessoal da estação, professor, como é que elas são? As condições técnicas são boas. Dá para fazer o trabalho que nós propomos. As condições de pessoal são difíceis.

Porque quando o órgão é público, a gente tem dificuldade de pessoal. Então a gente trabalha com um técnico de laboratório, um motorista, um caseiro. E trabalhamos com alunos que trabalham como estagiários, mas tem muitas dificuldades de horário, problemas de aula.

Então fica difícil. Então o nosso estrangulamento hoje é pessoal. Esse tipo de trabalho desenvolvido pela Estação Marinha de Aquacultura, professor, mais especificamente pelo Laboratório de Camarões, dá para ter uma ideia, por exemplo, dos resultados dele a curto prazo? A curto prazo vai depender... O camarão, no caso, nós vamos trabalhar com o meio ambiente.

Nós vamos trabalhar com o meio ambiente porque tem uma série de fatores que afetam. É como, digamos, você produzir trigo, soja, um ano vai dar e outro ano não dá nada. Então nós temos esse tipo de problema também.

Mas eu acredito que a gente consegue aumentar a safra. Agora até que ponto eu não saberia dizer que faltaria gente pessoal para acompanhar depois da liberação. O que a gente coloca todo o nosso esforço é em cima do trabalho no laboratório.

Também no laboratório a gente tem pouca possibilidade de controle pela falta de pessoal e pela condição de trabalho, que se torna bem mais difícil. Então hoje, por exemplo, eu não poderia dizer que vai dar um resultado tal. Fica muito difícil porque a gente está trabalhando com o meio ambiente, que não tem como avaliar uma área muito grande como a Lagoa.

Sim, quer dizer, aqueles camarões que vão ser lançados ali, eles vão sofrer as ingerências do meio ambiente também, do clima, de tudo. Tudo. A gente estima que no mínimo 50% se perde por predação.

Quer dizer, por isso que a gente quer lançar logo na primavera. Porque, pensa em uma coisa, na primavera geralmente ocorre a reprodução de uma série de organismos. Então começa o cirita, o rado, a curvinha, o linguado, tudo começa a reproduzir nessa faixa.

A gente tem condições ambientais, falta período, luz, temperatura. Então nós queremos fazer a safra do camarão mais cedo do que a safra natural. Então se eu colocar o camarão mais cedo do que o camarão natural que estaria entrando na Lagoa, ele vai estar maior.

Então quando surgir o predador, o ciri, a curvinha, esses pequenos indivíduos, os filhotes que vão estar predando, o camarão já vai estar grande, esse camarão artificial. Então elas vão ter uma safra mais cedo e ela vai ter uma maior realidade porque ela não vai sofrer a predação desses predadores naturais que a gente tem na Lagoa. Que é uma condição natural.

Professor, inicialmente o camarão é lançado numa parte cercada, não é isso? Perfeito. E depois, em quanto tempo ele é lançado, retirado? No ano passado a gente deixava na média uma semana. E este ano nós queremos fazer tanques grandes e permanecer por um mês, em torno de 30 dias.

Então nesses 30 dias o camarão vai sair de 1 centímetro, 0,8, passar para 2, 3 centímetros que ele já vai estar com tamanho maior e bem mais adaptado, mais resistente a fugir da predação, a se adaptar melhor às condições naturais. Sim. Me diga uma coisa, não tem nenhuma diferença, por exemplo, entre o camarão artificial esse que é criado ali, em laboratório, do que o camarão natural? Na captura? Na captura, posteriormente? Não, é igual.

É igual? É a mesma coisa. Inclusive o camarão que a gente libera, se pegar o camarão natural, é a mesma coisa. Talvez eu fosse mais magrinho só.

Professor, esse trabalho que você desenvolve, recebe algum tipo de apoio dos órgãos oficiais, dos órgãos do meio ambiente ou órgãos, enfim, governo ou indústrias? Nós recebemos o apoio do BNDES. O ano passado a gente recebeu um apoio da FAPED, Fundação Para a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. Nós recebemos algum apoio em termos de bolsa de pesquisa do CNPq, que é um apoio muito pequeno, e este ano aparentemente está para ser liberado um recurso do polo de pesca que conseguiria manter o projeto por mais um tempo.

E a gente já vai pensando em outros órgãos de conseguir o apoio. O grande problema hoje é o pensamento. A iniciativa privada não contribui, quer dizer, não mostra interesse num trabalho como esse que é bastante voltado para a nossa realidade? Interesse tem, a indústria tem interesse, porque eu acredito que é um projeto que beneficia todos.

Agora, até o ponto de investir numa época de crise como está hoje, é muito difícil da indústria. A indústria também trabalha com dificuldade. E a pesquisa é uma coisa que pode dar certo e pode não dar.

Então, a indústria em si, dentro de um aspecto de dificuldades que se vive hoje, ela trabalha mais com segurança. Então, essa parte de pesquisa fica mais mesmo para órgãos do governo, que é um tipo de pesquisa que pode não dar retorno nenhum, e pode dar um bom retorno também, quer dizer, uma coisa que se joga muito com a sorte no caso para a indústria. Esta foi então a última entrevista concedida pelo professor Marcos Alberto Marchiori, que era responsável pela Estação Marinha de Arqueocultura e que faleceu no último domingo.

E com relação à morte do professor Marchiori, o professor Orlando Macedo Fernandes, reitor da Universidade do Rio Grande, determinou a abertura de sindicância interna para definir as causas da morte do professor na própria Estação Marinha de Arqueocultura, no domingo à tardinha. A última informação do Bom Dia a FURG de hoje, a sede da APTA, a FURG, Associação do Pessoal Técnico e Administrativo, Sessão Sindical Sin Teste, foi arrombada na última segunda-feira por volta do meio-dia. Os ladrões, ou ladrão, entrou pela porta da frente do pavilhão 8 do Campo Cidade, que fica aberta nesse horário, passou pelo parapeito e quebrou a janela da sede da entidade, por onde entrou.

Foram roubados um radiogravador, uma cafeteira, cerca de 400 mil cruzeiros da caixinha dos funcionários da APTA FURG e uma calculadora. Com essa informação, o Bom Dia a FURG fica hoje por aqui. Estaremos de volta amanhã.

Até lá.